
LUIZ BEZERRA DA SILVA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UM ANDARILHO

Roberto José Souza e Silva
Pós-Graduando em Especialização de História
FABEJA – Faculdade de Formação de Professores do Belo Jardim
e-mail: robertoebenezer@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma breve biografia do Sr. Luiz Bezerra da Silva. Este é um homem simples do campo, que viveu nele e dele, que andou por muitas estradas, mas que talvez jamais tivesse sua história trazida à tona se não houvesse quem lhe desse voz. Todavia, não se trata de uma história popular, de um conto, mas sim de uma história de vida, afinal de contas toda nação, estado, cidade, vilarejo e porque não pessoas, têm uma história, e elas não podem ser compreendidas à parte dela, como afirma Eric Hobsbawm (1998, p. 186).

Mas a quem interessa a história de vida deste homem simples, que não teve sua foto publicada nos jornais diários por algum ato famoso que tenha realizado, por alguma condecoração que tenha recebido? Preciso dar voz a este homem, atos e falas que lhe dizem respeito. Há sempre o perigo em pesquisas que utilizam a metodologia de história oral, de o pesquisador envolver-se demasiadamente com as fontes e iludir-se ou decepcionar-se com elas, perdendo assim, o senso crítico e o foco dos fatos a serem contados. Entretanto, não é este o papel daquele que se propõe a esta tarefa. Precisamos ser um lembrete, como aponta Peter Burke (2000, p. 89), e lembrar às pessoas aquilo que não têm recordações ou fazem questão de não recordá-las, mas isto só é possível quando se distancia o suficiente dos fatos para ter uma visão ampla deles, conforme sugere Eric Hobsbawm (2007, p. 9-10).

Quando iniciei este trabalho, não imaginei que a partir de uma entrevista oral - um fio que me guiou pelo labirinto para que não me perdesse durante as pesquisas, tal qual o fio que guiou Teseu para que ele não se perdesse no labirinto, o que remete-me ao historiador italiano Carlo Ginzburg (2007, p. 7) - que fala especificamente de história

de vida e de trabalho, poderia compreender os detalhes sobre o cotidiano de uma sociedade no interior do estado da Paraíba. Nesta entrevista não percebi em nenhum momento implicações políticas, econômicas e sociais na fala do entrevistado o que remete-me à Antonio Torres Montenegro (2001, p. 22), como fatores que interferissem no seu cotidiano: como se plantava, como se negociava, como se planejava uma viagem que se tornava mais longa para alguém das décadas de 1920 e 1930 do que para algum viajante do século XXI; apesar das distâncias serem as mesmas. A narrativa da entrevista e os rastros que ela deixa é o fio que une este trabalho, que lhe dá uma cronologia, uma forma e que buscará prender a atenção do leitor.

Contextualizei sempre que possível os fatos que fizeram com que a sociedade brasileira efervescesse em determinadas épocas com a aparentemente vida pacata do Sr. Luiz Bezerra.

INFÂNCIA

O ano é o de 1908. O mundo presencia uma revolução na indústria automobilística alavancada pelo inventor norte-americano Henry Ford. No início do século XX, automóveis eram caros, difíceis de fazê-los funcionar e conseqüentemente sem mercado. Henry criou uma fábrica moderna possibilitando produzir carros em série, mais fáceis de usar e a um preço acessível. O modelo T foi um sucesso, chegando a um número de 15 milhões de carros vendidos em 20 anos.

No Brasil, sob o governo de Afonso Augusto Moreira Pena (1906–1909), único membro do Gabinete Imperial de Dom Pedro II que se tornou Presidente da República do Brasil, obtendo quase a totalidade dos votos em relação a seus adversários Lauro Sodré e Rui Barbosa, o país passou por uma modernização nas Forças Armadas por meio do General Hermes da Fonseca, a primeira compra estatal de estoques de café em vigor na República Velha e um incentivo a imigração e de ferrovias, o que remete-me à Olavo Leonel Ferreira (1979, p. 259).

No referido ano, no dia 4 de março no sítio Boa Esperança em Monteiro – PB, nasce Luiz Bezerra da Silva, filho da união matrimonial de João Severino do Nascimento e Mariana Alves Bezerra, sendo ele o segundo filho cronológico de sete: Léo, Joaquim, Severino, Sebastião, Helena e Beliza. O jovem Joaquim morreu aos 19

anos de idade, morte esta ocasionada por uma doença de causa desconhecida para a época. Quando concedeu esta entrevista, aos 91 anos de idade, Luiz Bezerra não lembrara de citar este acontecimento.

A infância, algo que não foi aproveitado, passou-se no campo, local onde o tempo insiste em caminhar lentamente, onde os dias parecem tornar-se mais longos, onde dificilmente há acontecimentos marcantes e certamente a vida não é agitada, não há trânsito, mas apenas um efeito paisagem que passa a tornar-se a fotografia do cotidiano:

Eu nasci em mil e novecentos... a quatro de março, de mil novecentos e oito, eu me lembro. Era cinco irmãos, nós trabalhava lutando num moim de gado, fazendo muitas coisas quando eu andava com meus pais. Às vezes eu digo que num gozei minha vida, eu quando tava novinho pequeno assim, papai botava eu no meio do burro pra tocaiar o rancho; ele ia arrumar os bicho e eu ficava fazendo o fogo, quando ele chegava fazia a janta e nós comia e assim saimo lutando, eu pequeno assim (SILVA, 1999).

Os primeiros anos de sua vida, ainda eram anos de atuação do cangaço, fenômeno ocorrido no Nordeste brasileiro que tem suas origens em questões primariamente sociais, e às vezes o clima tranquilo sofria um agito repentino. Desde os quatro anos de idade, Luiz Bezerra ainda guarda na memória um episódio em que presenciou a chegada de um grupo de cangaceiros na propriedade do Sr. João Severino do Nascimento, seu pai. O local era tido e considerado como ponto de apoio para os soldados e cangaceiros sem distinção, por isto, ambos respeitavam a localidade e não travavam conflitos armados ali. Algo que muito o marcou foi a repreensão de um cangaceiro para que não mexesse em sua arma, como o mesmo relata:

Eu um dia cheguei, chegou os cangaceiros meio dia, muitos cangaceiros, chapeuzinho quebrado na testa, uma estrela de couro, assim um chapéu, eu tava no meio deles, era meio dia, meio dia, eu cheguei no meio deles tava andando acho que tava pegando o espírito das armas, fuzi ... não me lembro disso, mas esse cangaceiro pegou disse: - Meu filho sai daqui, vá pra li, pegou eu butou assim, tava com quatro ano de idade (SILVA, 1999).

Da curta infância que teve, o tempo não conseguiu apagar de sua memória as agradáveis brincadeiras de um menino do campo. Naquela época, a educação não era tão disseminada para a população como na segunda metade do século XX. O ensino na zona rural era limitado, as distâncias percorridas para assistir uma aula dada, quem sabe, por um professor voluntário ou talvez financiada na propriedade de algum fazendeiro de

condição financeira considerável para a época, eram longas, e só era possível chegar lá através de uma longa caminhada, ou no lombo de algum animal. O menino estudou durante um intervalo de tempo breve, um ano ou dois no máximo. Este é um período de tempo curtíssimo de presença na escola para os padrões da educação do século XX, mas foi o suficiente para que ele aprendesse a ler, a escrever e as quatro operações básicas da matemática, o necessário para que aos dezesseis anos já conseguisse entrar no ramo do comércio:

Conta? Faço! Faça aí uma continha de soma pra vê seu somo. Sete mais sete? Ham, quatorze. Três vezes sete? Vinte e um. Cinco vezes sete? Trinta e cinco né?! Quinze mais quinze? Trinta. Trinta mais trinta? Sessenta. Menos vinte? Quarenta. Mais sessenta? Cem. Mais vinte? Cento e vinte. E menos dez? Cento e dez (SILVA, 1999).

VIDA SENTIMENTAL

Em 1932, aos 24 anos de idade, Luiz Bezerra conhece e casa-se com a jovem Josefa Fortunato da Silva, de 20 anos. A jovem exercia a profissão de costureira, ofício que muito ajudava na manutenção do lar. Este primeiro casamento proporcionou-lhe o nascimento de sete filhas: Valdemira, Antônia, Maria do Carmo, Josefa, Lourdes, Carmelita e Maria; esta última já falecida. A senhora Josefa Fortunato, ainda cedo ensinou suas filhas a labutarem no mesmo ofício de costureira. Cada filha que ia aprendendo a costurar ganhava de presente do pai, uma máquina de costura, embora nem todas passassem dali em diante a exercer a profissão, sendo as únicas exceções as jovens: Josefa e Antônia, que ainda hoje exercem este ofício. Esta primeira relação teve fim, com a morte de Josefa Fortunato, quando a mesma estava com 52 anos de idade, sendo acometida de um infarto fulminante, pondo fim a uma união matrimonial que durou 32 anos.

O período de viuvez durou 4 anos. Aos 60 anos de idade, casa-se pela segunda vez com a jovem Odete Maria Bezerra que tinha 20 anos de idade, com quem vive até hoje. Deste casamento nasceram-lhes quatro filhos: Marcos e Marcone, gêmeos, Luís Carlos e Luciano. Destes apenas Luís Carlos é vivo. Os gêmeos faleceram aos 9 meses de idade, e Luciano vítima de um trágico acidente automobilístico aos 25 anos de idade, como o mesmo tristemente relata:

[...] dois foram gêmeos, a primeira vez. Luís Carlos e Luciano. Eu fiquei muito perturbado, mas depois fiquei conformado porque ele foi um menino bom; foi pos pés de Jesus com a alma dele limpa, não sujou a alma, né?! (SILVA, 1999).

TRABALHO

Quando Luiz Bezerra ainda era muito jovem, no ano de 1924, seu pai, o Sr. João Severino do Nascimento percebe que é hora do menino parar de correr pelos campos, de brincar com o estilingue, a baleadeira como é conhecida no Nordeste. E aos dezesseis anos de idade seu pai lhe entrega alguns asnos para que tomasse conta e os utilizasse como ferramentas de trabalho. Este presente teve uma implicação de extrema importância para ele e para os outros integrantes da família. Dali em diante, aquele jovem assumiria todas as responsabilidades da casa como provedor e passaria a liderar seus irmãos nas outras atividades:

Quando foi com dezesseis ano ele me entregou quatro burro... quatro burro e disse: oi meu fi tome conta desses burro aí, você já sabe fazer mais negócio do que eu. Eu vou descansar. Ele foi trabalhar quinem boi manso o que foi trabalhar, mas os fio trabalhava um moi de gado e ia ajeitando e quando ele me entregou ele não comprou mas uma caixa de fósforo pra dentro de casa, eu fui o dono da casa quando chegava mamãe o que é que ta faltando? Falta feijão, farinha tudo ali o costume da casa e um pedaço de dinheiro dava a ela (SILVA, 1999).

A noção de mundo da época nas décadas de 1920 e 1930, ou a idéia de abrangência do seu espaço territorial, era menor e maior que a do século XXI. Era menor no sentido geográfico, pois a ausência de veículos motorizados tornava demasiadamente difícil o intercâmbio entre outras regiões do país, e até mesmo no Nordeste. Também era menor no aspecto humano, levando-se em consideração que a população do estado da Paraíba de acordo com o senso do IBGE no ano de 2007 era estimada em 3.641.395 habitantes, superando a estimativa populacional das referidas décadas. Se a percepção de mundo de Luiz Bezerra nos anos 20 e 30 do século XX, era menor nos aspectos geográficos e humanos, as dificuldades na comunicação tornavam-no maior do que é hoje. A falta de estradas pavimentadas fazia com que o transporte de mercadorias por terra ficasse extremamente lento, já que, o que determinava a velocidade e o tempo das viagens era o passo das mulas de carga tendo o seu guia sobre ou ao lado dos animais. Outro fator que tornava o mundo extremamente maior era a

ausência de notícias com uma frequência maior. Os correios como temos conhecimento hoje e utilizamos os seus serviços não existiam na época, aliado a fatores como telefonia móvel e internet que tornam a comunicação atual praticamente instantânea ainda não haviam sido inventadas. As notícias, portanto, chegavam à maioria da população através dos boatos, pelas bocas dos mascates, trabalhadores de temporada do campo, além dos confusos viajantes e andarilhos:

[...] e no meio do mundo as vez casava um primo meu, dizia Luiz amanhã eu vou me casar, tu vai amanhã eu dizia amanhã é o dia de eu sair saía de lá de Monteiro pra Jurema, de Jurema ia pra Afogados, era tudo longe aí quando era as feira que agente comprava troço num era feira de aqui, acolá era tudo longe agente saía pra comprar negócio saía daqui e ia comprar no Recife lá burro, era assim. Num existia carro só era animal burro, quando agente chegava lá os dono dos armazém já era tudo, você tem tantas carga aqui, tantas carga, tantas carga, e agente pegava e no meio do mundo (SILVA, 1999).

A indústria têxtil já havia chegado na cidade de Campina Grande-PB, certamente como parte do incentivo dado às ferrovias pelo presidente Afonso Pena. Neste tempo, ainda na década de 1920, naquela região não havia transporte rodoviário, e a lã utilizada como matéria-prima tinha que chegar à indústria. Foi aí que o jovem começou a trabalhar de condutor de bestas de carga - almocreve -, uma profissão e um método de transporte de cargas muito comuns na época. O preço do frete era ajustado de acordo com o número de léguas do percurso:

Uma vez eu peguei saí mai um tio meu de Monteiro pra Campina peguemo quarenta burro ia sobrinho dele fio tudo ajuntou-se tudinho cada um tinha um moim de burro e se ajuntou e fumo mas ele peguemo quarenta carga de lã em Monteiro, de Monteiro pra Campina quando cheguemo em Campina peguemo pra Mossoró do Rei do Peixe, oitenta légua, oitenta mirrés e sempre uma légua era um dez tons era um mirrés (SILVA, 1999).

O jovem cumpriu fielmente, durante oito anos, o propósito para o qual seu pai o havia posto ali. Era hora de partir daquela propriedade que lhe proporcionara momentos felizes. Propriedade esta, onde aprendera na escola da vida o ofício de agricultor e a galgar os primeiros passos de negociante.

Em 1932, o país passava por uma turbulência na política sob o governo de Getúlio Vargas, tendo como fato marcante um ato de protesto na cidade de São Paulo, que ficou conhecido como M.M.D.C em virtude do assassinato de quatro jovens: Mário

Martins de Almeida, Euclides Bueno Miragaia, Dráusio Marcondes de Sousa e Antônio de Camargo Andrade. Este ato antecedeu e deu origem a Revolução Constitucionalista de 1932, como afirma o historiador Olavo Leonel Ferreira (1979, p. 306-307). Aos 24 anos de idade, à margem de todo este agito, Luiz Bezerra começa a administrar e a trabalhar em um engenho de cana-de-açúcar, localizado próximo ao município de Brejo da Madre de Deus, em uma área rural conhecida como Veado Podre:

O que era que eu fazia? Era trabalhando no sítio, trabalhando tomei conta dum terreno grande, meu sogro tinha dois engenhos e me entregou um engenho e disse: vá para aquele engenho e tome conta lá; me entregou um engenho e eu fiquei por dono até que quando ele morreu, eu fui o dono mesmo porque vendi. Aí eu era... Fazendo raspadura e vendendo, plantando a cana (SILVA, 1999).

Na década de 1940 ele desembarca com sua família na cidade de Arcoverde, que fica localizada no Sertão pernambucano, onde adquire em uma única rua cinco casas que também lhes dariam uma renda fixa no ramo da imobiliária. À parte disto, inicia uma atividade comercial de compra e venda de mercadorias. Estas provinham da capital pernambucana Recife, como ele mesmo narra:

Comecei a trabalhar com negócio, com comprando e vendendo. Eu ia pra Recife, chegava lá comprava um bocado de coisa e trazia pra aqui e saía vendendo pra aqui pra acolá, pra Arcoverde; até em Arcoverde eu... Eu vendia; é minha feira. Eu saía com quase meio; um caminhão de mercadoria. Levava gás, sabão, feijão, farinha, de tudo eu levava; também quando eu chegava lá de tudo eu vendia, fiquei nessa luta (SILVA, 1999).

A água que abastecia a localidade não era de boa qualidade, fazendo com que sua esposa passasse a reclamar com certa frequência, obrigando-o novamente a procurar outra localidade para a sua família:

[...] mas de lá como não deu certo, a água salgada, a mulher reclamava muito; eu vou-me embora daqui e aqui fiquei carregando; aluguei lá três casas, quatro casas; eram cinco casas e uma deixei pra eu botar meu troço; e assim fiquei nessa luta (SILVA, 1999).

Dos bens que possuía, fez-se necessário a venda de um terreno não muito longe de suas casas. Por ocasião, um médico do município de São Bento do Una, que possuía um terreno ao lado do seu planeja construir uma casa de saúde. Conhecedor desta pretensão, certo dia ele oferece ao Dr. Pasma o seu terreno:

Dr. Pasma, um Dr. de São Bento, trabalhava lá, aí tinha encostado no meu terreno assim, um chão, ele fez uma casa, fez uma casa de saúde, era donde ele trabalhava num sabe, ali. Quando eu saí de lá, um dia eu cheguei e disse:

___ Dr. Pasma me compre isso aqui?!

___ Ele disse: compro.

E eu doído mode vender pra comprar um terreno fora. Onde dizia tem um terreno acolá, eu ia olhar mas não me agradava.

___ Aí ele disse: compro! Por quanto dá?

___ Eu dou por cinquenta.

___ Ele disse: eu dou quarenta e cinco. Mas digo uma coisa: só lhe dou quando você... Isso foi em outubro pra novembro, uma coisa assim... Só lhe dou no fim do ano, porque vou tirar o dinheiro na Caixa, é que eu posso dar o dinheiro. Ta feito o negócio?

___ Eu disse: ta feito o negócio! (SILVA, 1999).

Inicia-se a procura de outro terreno. Nas idas e vindas de compras e vendas de mercadorias, na estrada próxima ao município de Sanharó, certo dia ele encontra um viajante, que lhe informa sobre um terreno que estaria à venda em Olho D'água do Retiro, área rural que, embora não pertença fica próxima à cidade de Belo Jardim. Ao deparar-se com o terreno indicado pelo viajante, Luiz Bezerra maravilha-se com a extensão do terreno tomado de área cultivada, de acordo com a sua descrição:

Quando cheguei lá, tava o terreno, quarenta quadros de terra, situado de roça, aqui acolá. Ele trabalhava mais na panfa, e lá era terra pra feijão, milho, tudo, uma terra boa; cá era uma terra ariusca; mas eu achei a terra melhor do mundo (SILVA, 1999).

Com o passar dos anos, o leitor deve lembrar-se, que as sete filhas que lhe nasceram do primeiro casamento, estão na fase da juventude. Há uma cobrança natural por parte de toda a família para que, viessem morar na cidade de Belo Jardim, onde elas teriam a oportunidade de estudar, e ele, voltar ao negócio de compra e venda de mercadorias da década de 1940, que já relatei.

Chega a década de 1970, e com ela a certeza de que é hora de fixar-se definitivamente na cidade de Belo Jardim, e mais precisamente no bairro que é hoje conhecido como Cohab I, na Rua da Floresta. Naquele tempo o bairro era pouco habitado, ainda dominado por densa vegetação.

Luiz Bezerra, em concordância com sua esposa Odete Maria Bezerra, opta então por instalar em sua residência um empório, a famosa e popular bodega nordestina. Na bodega vendia-se de tudo um pouco. Encontrava-se lá: feijão, arroz, óleo de cozinha, rapadura, charque, pão, bolacha, querosene, corda, cachaça, fumo, etc. Em uma época em que eram poucos os supermercados da cidade, cerca de três no formato que hoje os

conhecemos, há de se destacar duas lacunas importantes nos aspectos econômico e social, que este tipo de estabelecimento preenchia.

No âmbito econômico, estes pequenos armazéns possibilitavam vendas à prazo apenas na confiança, ou seja, na palavra. Não havia notas promissórias, e nem carnês. Sendo um bom freguês não tinha como, chegando lá sem dinheiro, não levar o produto para pagar depois, ficando o registro da dívida nas anotações de um simples caderno. Os produtos também eram vendidos sob medida, não existindo o consumismo excessivo característico da sociedade do século XXI. Comprava-se óleo de cozinha tendo o copo como medida, alguns poucos gramas de manteiga, charque, queijo; apenas aquilo que atendesse a necessidade da hora.

No aspecto social, as bodegas eram locais aconchegantes e acolhedores, tendo uma relação comercial entre cliente e fornecedor mais calorosa. Eram utilizadas pelos vaqueiros, feirantes e viajantes como ponto de encontro. Lá eles tomavam cachaça, batiam um papo agradável, procuravam notícias de localidades mais longínquas, pesquisavam sobre o preço de mercado de animais e alimentos, como nos diz o historiador José Adilson Filho (2009, p. 55).

A venda do Sr. Luiz, como era popularmente conhecida sua bodega, funcionou cerca de vinte e três anos ininterruptos, oferecendo produtos e serviços que atendiam às expectativas de sua clientela. Mas como tudo que segue um curso natural na vida, aquilo que tem seu início, também tem hora para terminar; e assim, no ano de 1998, aos noventa anos de idade, sentindo biologicamente o cansaço físico e mental, aliado a fatores como declínio deste tipo de estabelecimento comercial em virtude de um aumento considerável na cidade dos supermercados, e a uma estabilidade financeira também proporcionada por sua aposentadoria; a decisão torna-se inevitável, é hora de fechar a bodega, e conceder ao corpo um descanso já há muito tempo adiado.

A bodega é algo que causa certo saudosismo, mas que não foi capaz de resistir à modernização do comércio aliada à produção em larga escala das indústrias alimentícias, impulsionada por um capitalismo extremamente acelerado e voraz, e de uma sociedade que não comporta mais consumo em pequena escala, mas que sem dúvida marcou época daqueles que tiveram o privilégio de conhecer este tipo de estabelecimento comercial.

ATUALIDADE

Luiz Bezerra ainda está lá, na mesma casa onde fixou residência desde a década de 1970. Só não lhe peça que conte essas histórias com a mesma riqueza de detalhes, pois a sua memória onde elas estão guardadas e foram trazidas à tona através da história oral, aos 102 anos já não é mais a mesma. O tempo conseguiu limitá-la e fazer com que ele conte-as de uma forma resumida. Mas o sorriso empolgante e um forte abraço, estes o tempo não consegue apagar e ele não nega a ninguém. Se o leitor tiver a pretensão de visitá-lo, é fácil chegar lá. Sua localização encontra-se na Avenida Júlia Rodrigues Torres, 307 – Cohab I em Belo Jardim - PE. Só preciso falar-lhe duas coisas: a primeira, é que talvez ele não esteja lembrado de você ou não o conheça e a segunda é que, ao conhecê-lo você jamais o esquecerá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou-me conhecer a história de vida do Sr. Luiz Bezerra da Silva. Durante a pesquisa, percebi que, quando concedeu esta entrevista na década de 1990, sua narrativa dos fatos que lhe dizem respeito, estava enriquecida com detalhes que me deixaram rastros, pistas e até mesmo indícios, que foram fundamentais para a compreensão do comportamento, do imaginário individual e coletivo e do cotidiano de uma sociedade do interior do Nordeste.

Durante o processo de resgate da memória, utilizando a história oral como metodologia, ficou clara a sua capacidade de narrar histórias de acordo com o entendimento que sua perspectiva dos fatos lhe possibilitou, algo que é peculiar apenas a algumas pessoas nesta faixa etária. Com isto, foi possível trazer à tona uma história que há muito tempo estava esquecida ou quem sabe até mesmo perdida.

O desejo deste pesquisador, é que este trabalho possa servir de incentivo a outros historiadores também incumbidos de resgatar memórias e, a preencher uma lacuna na historiografia local que hora presenciamos sobre a vida do homem do campo.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Entrevista oral concedida pelo Sr. Luiz Bezerra da Silva, em 01/05/1999 na cidade de Belo Jardim.

ADILSON FILHO, José. *A cidade atravessada: velhos e novos cenários na política belojardinese*. Recife: Comunigraf, 2009.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FERREIRA, Olavo Leonel. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1979.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOBBSAWM, Eric J. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.